

# HISTÓRIA DO ESPORTE: PANORAMA E PERSPECTIVAS<sup>1</sup>

Victor Andrade de Melo<sup>2</sup>

Rafael Fortes<sup>3</sup>

**RESUMO:** Esse artigo objetiva apresentar um panorama internacional e nacional da História do Esporte, aqui entendida como um campo profissional de investigação histórica que vem se delineando nas últimas décadas, não somente conduzido por “historiadores de formação”, mas certamente por pesquisadores que, independentemente de sua filiação acadêmica original, procuram se aproximar dos debates teóricos e metodológicos da disciplina História. Após lançar um olhar sobre o percurso de conformação da História do Esporte, ao final apontamos algumas dimensões que podem, a nosso ver, contribuir para aperfeiçoar as iniciativas de pesquisa e para a consolidação do campo.

**PALAVRAS-CHAVE:** história do esporte; historiografia; práticas corporais institucionalizadas.

**ABSTRACT:** This article argues that, in recent decades, sport history has emerged as a new professional field of historical research, driven not only by “historians”, but also by researchers whom, regardless of their original academic affiliation, seek to make use of methodological discussions of the field of history. The aim of this paper is to discuss this course of conformation and, in the end, point out suggestions to improve our research initiatives.

**KEYWORDS:** sport history; historiography; institutionalized body practices.

---

<sup>1</sup> Esse artigo reúne e atualiza um conjunto de reflexões anteriores, apresentadas em eventos científicos e/ou parcialmente publicadas.

<sup>2</sup> Professor Doutor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História Comparada/IFCS. Coordenador do “Sport”: Laboratório de História do Esporte e do Lazer ([www.sport.ifcs.ufrj.br](http://www.sport.ifcs.ufrj.br)). E-mail: [victor.a.melo@uol.com.br](mailto:victor.a.melo@uol.com.br).

<sup>3</sup> Professor Doutor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro Departamento de Filosofia e Ciências Sociais. É também professor do Programa de Pós-Graduação em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisador do Laboratório “Sport”. E-mail: [raffortes@hotmail.com](mailto:raffortes@hotmail.com).

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem sido constante a preocupação dos historiadores em produzir balanços que proporcionem um quadro geral da disciplina histórica ou de algum setor específico desse campo de conhecimento. O objetivo básico desse tipo de trabalho é mapear os desafios e problemas da área, e ao mesmo tempo apontar novos caminhos e perspectivas (FERREIRA, 2003, p.5).

Originária do francês antigo “disport”, a palavra “sport” foi registrada pela primeira vez na Grã-Bretanha do século XV, mas é somente na transição dos séculos XVIII e XIX que ela assume o sentido atual. Para ser mais preciso, é nesse momento que se configura o campo esportivo conforme hoje o conhecemos (BOURDIEU, 1983).

Na esteira dos contatos internacionais, materiais e simbólicos, que marcam aquele momento e as décadas seguintes, tendo a Inglaterra como primeira protagonista, a prática se espalha pelo mundo, sempre mantendo muito de seu caráter original, mas também dialogando com as peculiaridades locais. Essa é uma das chaves de sua popularidade, juntamente com o fato de se estruturar ajustando-se bem ao conjunto de comportamentos considerados adequados para a consolidação do novo modelo de sociedade em formação, do capitalismo, do ideário e imaginário da modernidade<sup>4</sup>.

De acordo com o modelo heurístico proposto por Melo (2010), o desenvolvimento e a estruturação do campo esportivo, no decorrer do século XIX, pode ser sintetizado em quatro fases. A partir do segundo momento, os esportes já estavam próximos do que hoje se concebe de forma generalizada: ao seu redor tornaram-se comuns imagens de desafio, superação, higiene, saúde. A preocupação com o aperfeiçoamento de técnicas corporais que incrementassem a performance passou a ser mais denotada; o registro de resultados começava a ser mais valorizado.

Essa dimensão se exponenciou na terceira fase: inseridos em uma dinâmica social que valorizava progressivamente a vivência de atividades públicas espetaculares, relacionando-se com os novos artefatos tecnológicos, até mesmo em função da criação e do aperfeiçoamento de instrumentos de mensuração (entre os quais os cronômetros), os resultados esportivos passaram a ser apresentados como parâmetro de sucesso.

Não seria equivocados, assim, dizer que o campo esportivo, desde cedo, valorizou uma certa visão de história. O registro de dados e fatos contribuía

---

<sup>4</sup> Para mais informações, ver Melo (2010).

para a difusão de algumas ideias de grande utilidade para sua consolidação: o heroísmo, a coragem, a grandiosidade das conquistas humanas. Os “feitos esportivos” deveriam ser preservados e exibidos: testemunhar, documentar, “to record” – o recorde como dimensão central; ele permite lembrar a constante necessidade de superação.

É também comum, desde então, relacionar o esporte com um suposto passado longínquo, no sentido de estrategicamente reiterar sua importância. Tal dimensão é claramente perceptível, por exemplo, na criação dos Jogos Olímpicos modernos (1896), que teriam recuperado uma idealizada concepção de atividades físicas na Grécia Antiga (MELO, 2007a). Essa mobilização pode ser observável também na institucionalização de outras práticas corporais no decorrer dos séculos XVIII e XIX: na educação física (como justificativa para a implementação dessa disciplina escolar), na ginástica (na elaboração dos métodos gímnicos) e mesmo na dança (nas propostas de dança moderna).

A despeito dessas ocorrências, só recentemente a História (a disciplina acadêmica) começou a considerar mais seriamente as práticas corporais como um tema relevante. A emergência de uma “subdisciplina” denominada História do Esporte, em grande medida, tem relação com a configuração da Nova História Cultural, nos anos 1970.

A partir de diálogos com a Antropologia e com a Linguística, em um contexto em que se percebe a valorização da cultura como objeto de estudo nas ciências humanas e sociais, as “práticas” passam a ser consideradas relevantes e mais aceitas como motivo de investigação histórica:

“Práticas” é um dos paradigmas da Nova História Cultural: a história das práticas religiosas e não da teologia, a história da fala e não da linguística, a história do experimento e não da teoria científica. Graças a essa virada em direção às práticas, a história do esporte, que antes era tema de amadores, tornou-se profissionalizada, um campo com suas próprias revistas, como o *International Journal of History of Sport*. (BURKE, 2005, p.78).

A título de curiosidade, vale citar que entre os quatro teóricos que Burke (2005) aponta como de grande importância para a conformação da Nova História Cultural, dois diretamente refletiram sobre e tiveram grande influência nos estudos de esporte: Norbert Elias e Pierre Bourdieu. Os outros dois, embora de forma não tão direta, também foram muito utilizados: Michel Foucault, notadamente pelas reflexões sobre o corpo; e Mikhail Bakhtin, em função de suas posições sobre a cultura popular.

Na verdade, há uma curiosa ocorrência no âmbito dos estudos históricos do esporte. Embora seja, em boa medida, “filha” da Nova História

Cultural, a História do Esporte inicialmente pouco encarou os debates por ela propostos, ligando-se mais denotadamente às proposições da história social, especialmente a partir de olhares advindos das diversas tradições do marxismo. É somente em um segundo momento de sua estruturação que os pesquisadores passam a prestar mais atenção às suas potencialidades, mais constantemente a partir de diálogos com a Antropologia<sup>5</sup>.

Considerando esse percurso, uma pergunta se impõe: poderíamos mesmo chamar a História do Esporte de uma “subdisciplina”, o que expressaria a ideia de que se trata de algo consolidado ou em vias de consolidação, ou seria, dialogando com as ideias de Barros (2004, p.186), mais um dos muitos domínios da história que “surgem e desaparecem com rapidez, às vezes perseguindo ditames da moda e caindo para segundo plano tão logo se saturam”?

Partindo dessas considerações iniciais, esse artigo objetiva apresentar um panorama internacional e nacional da História do Esporte, aqui entendida como um campo profissional de investigação histórica que vem se delineando nas últimas décadas, não somente conduzido por “historiadores de formação”, mas certamente por pesquisadores que, independentemente de sua filiação acadêmica original, procuram se aproximar dos debates teóricos e metodológicos da disciplina História. Após lançar um olhar sobre o percurso de conformação da História do Esporte, ao final apontamos algumas dimensões que podem, a nosso ver, contribuir para aperfeiçoar as iniciativas de pesquisa e para a consolidação do campo.

Cabe ainda, nessa introdução, uma discussão conceitual: que termo melhor definiria os estudos históricos que se debruçam sobre um grupo de manifestações culturais muitas vezes imprecisamente chamadas de esporte? Seria possível usar o termo “esporte” para definir todas as práticas corporais?

Partindo do princípio de que certas práticas corporais, embora com peculiaridades, passaram por processos aproximados de constituição de um campo ao seu redor, temos trabalhado com a ideia de que podemos chamar de História das Práticas Corporais Institucionalizadas um campo de investigação que se debruça sobre manifestações culturais como o esporte, a educação física (entendida tanto como uma disciplina escolar quanto como uma área de conhecimento), a ginástica, a dança, as atividades físicas “alternativas” (antiginástica, eutonia, ioga etc.), alguns fenômenos análogos de períodos anteriores à Era Moderna (as práticas de gregos, os gladiadores romanos, os

---

<sup>5</sup> Para mais informações sobre autores influentes nos estudos do esporte, ver Giulianotti (2004, 2005).

torneios medievais, um grande número de manifestações lúdicas de longa existência), entre outras (como, por exemplo, a capoeira).

Para facilitar o entendimento e/ou em função de questões operacionais, comumente usamos (e propomos usar) como metonímia o termo História do Esporte, o que não exclui ou substitui os enfoques específicos ligados aos diferentes objetos. Isso é, a História do Esporte (no sentido de História das Práticas Corporais Institucionalizadas) englobaria as histórias da educação física, da ginástica e do próprio fenômeno esportivo, entre outras, analisando separadamente os temas, mas sempre os entendendo tanto inseridos no contexto histórico em que são investigados, quanto na relação que estabelecem com outras práticas corporais de seu tempo.

## 1 HISTÓRIA DO ESPORTE: UM PANORAMA

### 1.1 INTERNACIONAL

Ainda que existam iniciativas anteriores, o campo de investigação História do Esporte vem se consolidando desde os anos 1960, tendo se organizado pioneiramente na Europa e nos Estados Unidos. Em 1967, foi fundada a primeira sociedade internacional, o *International Comitee for History of Physical Education and Sport*. Em 1973, uma nova associação foi criada, a *International Association for History of Physical Education and Sport*. Em 1989, as duas se uniram dando origem à *International Society for History of Physical Education and Sport* (ISHPES), entidade que congrega pesquisadores de vários países e leva a cabo iniciativas como a realização de eventos científicos<sup>6</sup>; a edição de boletins, anais e outras publicações; a concessão de premiações anuais; a manutenção de um sítio e de uma lista de discussão na internet<sup>7</sup>.

É importante destacar que a ISHPES faz parte, desde 2000, do *International Comitee of Historical Sciences*<sup>8</sup>, e, desde 1990, do *International Council of Sport Science and Physical Education*<sup>9</sup>. Nessa última sociedade, a História do Esporte é considerada uma das 16 disciplinas que compõe as Ciências do Esporte<sup>10</sup>.

<sup>6</sup> Desde sua fundação a ISHPES promove, em anos alternados, um congresso e um seminário, que já tiveram sede em 18 países, de 4 continentes.

<sup>7</sup> Mais informações em <http://ishpes.org>.

<sup>8</sup> Mais informações em <http://www.cish.org/GB/introgb.htm>.

<sup>9</sup> Mais informações em <http://www.icsspe.org/>.

<sup>10</sup> Mais informações em <http://www.institutophorte.com.br/icsspe/>.

*Nos Estados Unidos, os primeiros departamentos universitários ligados ao tema surgiram nos anos 1960 e as primeiras conferências específicas foram organizadas em 1971. Um grande impulso se deu com a criação da North American Society of Sport History (em 1972), que realizou sua primeira reunião anual em 1973 e desde 1974 é responsável pela edição do Journal of Sport History*<sup>11</sup>.

Já na Grã-Bretanha, segundo Jeffrey Hill (1996), um importante marco foi a coletânea organizada por Richard Holt, “Esporte e classe operária na Grã-Bretanha moderna” (1990). Para o autor, as principais contribuições deste estudo foram: a) demonstrar a possibilidade de construir uma história vista de baixo, uma alternativa à perspectiva de grandes heróis; b) o estudo de caráter local permitiu perceber a riqueza e a variedade das manifestações esportivas; c) a abordagem multicultural ampliou os olhares sobre o tema. Como se pode perceber, os pontos positivos apontados têm relação com a construção metodológica.

De fato, esta tem sido uma preocupação constante. Já em 1979, B.G. Rader identificara dois grandes problemas nas investigações históricas ligadas ao tema: a) trabalhos excessivamente descritivos; b) carência de evidências documentais. Há alguns anos os estudiosos parecem concordar que o rigor e a busca de novas matrizes metodológicas não só podem ser de grande utilidade, como são uma necessidade para consolidar os estudos históricos do esporte, inclusive para constituir uma legitimidade no âmbito da disciplina História.

Na opinião de Park (1987), na década de 1980, pela qualidade e pelas contribuições das investigações, cinco pesquisadores merecem destaque: J.A. Mangan (História Cultural), Melvin Adelman (História Social), Donald Mrozek (História Intelectual), John MacAloon (Psicohistória/Semiótica) e Bruce Haley (História Social e Cultural). Os avanços parecem ter sido ainda mais notáveis nas últimas décadas. De qualquer maneira, bons exemplos de que seguem ativas as preocupações de natureza metodológica são os estudos de Booth (2005) e Phillips (2006).

A despeito dos avanços, e mesmo do assunto ter sua relevância reconhecida por importantes historiadores (como Eric Hobsbawm, Wiggins e Mason [2005]) sugerem que a história do esporte continua gozando de pouco prestígio e reconhecimento tanto nos departamentos acadêmicos de História quanto nos de Educação Física, sendo ainda encarada como de menor valor, como um tema pouco significativo.

---

<sup>11</sup> Mais informações em <http://www.nassh.org/>.

De qualquer forma, é inegável a consolidação do campo de investigação. Além da ISHPES, existem várias associações nacionais de historiadores do esporte: além da já citada NASSH, podemos citar a *Australian Society of Sports History*<sup>12</sup>, a *British Society of Sports History*<sup>13</sup>, a *Società Italiana Storia dello Sport*<sup>14</sup>, entre outras. Há ainda sociedades ligadas a algumas modalidades ou a temas específicos, como a *International Society of Olympic Historians*<sup>15</sup>, que publica trimestralmente a revista *Citius, Altius, Fortius* e o periódico *Nikephoros*, dedicado aos que estudam manifestações “esportivas” na antiguidade; a *Association of Cricket Statisticians and Historians*<sup>16</sup>, a *Association of Football Statisticians*<sup>17</sup>, entre outras. Há que se destacar ainda a experiência do *European Comitee for Sports History*<sup>18</sup>, fundado em 1995, já tendo promovido 14 congressos anuais. Recentemente essa associação lançou um periódico oficial, o *European Studies in Sports History*.

Aliás, devemos lembrar de outras importantes revistas ligadas ao tema: *International Journal of the History of Sport*, fundada, em 1983, como *British Journal of History of Sport*; *Sport History Review*, publicada de 1970 a 1995 como *Canadian Journal of the History of Sport*; *Sport in History*, ligada à *British Society; Sporting Traditions*, editada pela *Australian Society*; *Materiales para la Historia del Deporte*, anual, lançada em 2003. Nesse grupo de periódicos, hoje se insere a *Recorde: Revista de História do Esporte*, único periódico da América Latina especificamente dedicado ao tema<sup>19</sup>.

Já é grande o número de livros sobre o tema. Um indicador simples: uma busca realizada na Amazon Books, em 27 de agosto de 2010, usando o termo “sport history”, resultou em 22.571 ocorrências<sup>20</sup>.

Obviamente que nesse total encontram-se livros de caráter pronunciadamente memorialístico ou jornalístico, mas é também grande o número de obras resultantes de investigações acadêmicas<sup>21</sup>. Merece destaque a coleção

<sup>12</sup> Mais informações em <http://www.sporthistory.org/>.

<sup>13</sup> Mais informações em <http://bssh.org.uk/>.

<sup>14</sup> Mais informações em <http://www.storiasport.it/>.

<sup>15</sup> Mais informações em <http://www.isoh.org/pages/index.html>.

<sup>16</sup> Mais informações em <http://acscricket.com/>.

<sup>17</sup> Mais informações em <http://www.11v11.co.uk/>.

<sup>18</sup> Mais informações em <http://www.cesh.eu>.

<sup>19</sup> Mais informações em <http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/home.asp>.

<sup>20</sup> Tal resultado refere-se à busca na seção de livros; quando ampliamos para todos os departamentos, encontramos 31.711 ocorrências.

<sup>21</sup> Não temos nenhuma restrição a priori às produções de caráter memorialístico ou jornalístico. Apenas estamos observando que existem públicos distintos, que podem em muitos momentos

*Sport in the Global Society*, dirigida por J.A. Mangan e Boria Majumdar, publicada pela Taylor & Francis Group.

Enfim, esse volume de iniciativas de diferentes naturezas comprova que, no cenário internacional – ao menos o de língua inglesa, foco majoritário desse nosso balanço e, com certeza, aquele cuja produção tem maior circulação e mais agrega trabalhos de autores cujo primeiro idioma é diverso –, a História do Esporte está consolidada, mesmo que ainda prossiga o desafio de construir uma legitimidade maior tanto na área de História quanto na de Educação Física<sup>22</sup>.

## 1.2 NACIONAL

No Brasil, podemos dividir em cinco fases os estudos relacionados à História do Esporte. A primeira engloba as pioneiras produções, publicadas na virada dos séculos XIX e XX. Um dos autores que primeiro escreveu sobre os aspectos históricos do turfe, no ano de 1893, curiosamente observava: “Mais vale tarde do que nunca. Já não é cedo para se escrever a história do turfe nacional, história que, na falta de testemunhas oculares e de documentos já hoje raríssimos, poderá ser para o futuro adulterada” (Pacheco, 1893, p.7). No caso do remo, também se pode perceber preocupação semelhante em 1909, no livro de Alberto Mendonça, que junto com Ernesto Curvello Júnior foi um dos primeiros a sistematizar observações sobre sua história:

Evidentemente sabido é que dificuldades de monta teríamos de encontrar na compilação de fatos históricos sobre a vida deste esporte, assim como na coleção de documentos a ele referente; porquanto, até a presente data é conhecida de sobejo a deficiência das publicações sobre o nosso movimento esportivo, hoje, felizmente, em grau de desenvolvimento notório (MENDONÇA, 1909, s.p.).

Embora de grande importância, tais trabalhos são, na verdade, esforços de preservação da memória, sem a preocupação de uma discussão mais ampla

---

se cruzar, que acessam informações sobre a história do esporte. Não se trata, portanto, de uma tentativa de hierarquizar a produção.

<sup>22</sup> Para mais informações sobre a História do Esporte no cenário mundial, vale uma visita à excelente página organizada por Richard Holt (<http://sporthistinfo.co.uk>), à página sobre o tema na Learning and Teaching Support Network ([http://www.heacademy.ac.uk/assets/hlst/documents/resource\\_guides/sports\\_history.pdf](http://www.heacademy.ac.uk/assets/hlst/documents/resource_guides/sports_history.pdf)) e ao sítio da LA84 Foundation: <http://www.la84foundation.org>.

e crítica, escritos por antigos praticantes e/ou apaixonados pelo esporte que acompanharam de perto o desenvolvimento das modalidades.

A segunda fase (décadas de 1920-1930) é marcada por uma preocupação maior com a história da educação física e da ginástica, ainda que com caráter embrionário: a produção nacional era pequena, era comum a utilização de livros importados. Destacam-se o livro de Laurentino Lopes Bonorino e colaboradores (1931), primeira publicação específica do gênero escrita no Brasil, e as contribuições de Fernando de Azevedo. Ambos enfatizavam abordagens mundiais, promovendo uma leitura da Antiguidade Clássica e da história europeia<sup>23</sup>.

Essas obras, a despeito da importância, lançam as bases de uma abordagem que marcou durante anos nossos estudos: a utilização restrita de fontes; um caráter “militante”, a história servindo para provar e legitimar posições previamente estabelecidas; a preocupação exacerbada com o levantamento de datas, nomes e fatos; uma abordagem centrada fundamentalmente na experiência de grandes expoentes; o uso de uma periodização política geral em detrimento de uma periodização interna.

A terceira fase (décadas de 1940-1980) é marcada pelo aumento da produção. Desse período temos que ressaltar a obra de Inezil Penna Marinho, um dos maiores estudiosos da história da educação física e do esporte no Brasil: se suas iniciativas não significaram uma completa ruptura com as características da fase anterior, possuem uma sensível diferença, principalmente no que se refere à compreensão teórica e metodológica.

A obra de Inezil é um exemplo de estudo histórico bem desenvolvido nos padrões de uma abordagem factual. As diferenças começam nos seus investimentos na história brasileira, até então pouco abordada, e passam por sua erudição e pela utilização de fontes diversificadas. Na verdade, nos seus últimos artigos já se pode identificar mudanças, que apontam para uma perspectiva mais crítica e interpretativa da história<sup>24</sup>.

É também dessa fase a importante obra de Mário Filho, na qual se destaca *O negro no futebol brasileiro* (a primeira edição é de 1947). Dialogando com as considerações de Gilberto Freyre acerca de uma possível originalidade brasileira na forma de jogar, o jornalista envolvia claramente o velho esporte bretão na construção de discursos acerca da identidade nacional.

<sup>23</sup> Azevedo merece destaque maior por sua contribuição para o desenvolvimento de estudos na área. Cito aqui as obras *Da Educação Física*, cuja primeira edição é de 1916, e *Antinous – estudo da cultura atlética*, de 1920.

<sup>24</sup> Para mais informações sobre esse autor, ver estudo de Melo (1998).

A despeito das muitas polêmicas que a cercam, trata-se inegavelmente de leitura obrigatória<sup>25</sup>.

A quarta fase (década de 1980) é marcada pela crítica e pelo anúncio de redimensionamento dos estudos anteriores, a partir fundamentalmente de uma inspiração teórica marxista. Embora as obras desse momento tenham significado uma importante mudança de enfoque, problemas anteriores persistem, além de um novo ter emergido (ou reaparecido): metodologicamente as obras são mais confusas e incompletas. Como exemplos, podemos citar os estudos de Castellani Filho (1988) e Ghiraldelli Junior (1988).

A periodização continua a se submeter a especificidades exteriores ao objeto, referendando uma impressão de linearidade tão presente nas fases anteriores. A história é entendida como responsável por explicar linearmente o presente, fato agravado por uma compreensão que parte para o passado com hipóteses confirmadas *a priori*. A exasperação da crítica ao caráter factual que marcou a fase anterior resultou no dispensar de datas, fatos e nomes, em uma deficiente operação das fontes<sup>26</sup>.

Em momento semelhante, mas fora desse cenário anterior, já nos anos finais da década de 1970 e no decorrer da seguinte, percebe-se a realização com maior frequência de investigações sociológicas e antropológicas ligadas ao esporte, entre as quais se destacam as fundamentais contribuições pioneiras de José Sérgio Leite Lopes, Simoni Lahud Guedes, Roberto DaMatta e Maurício Murad.

Nessa esteira, desde a década de 1990, em diversas áreas de conhecimento (História, Educação Física, Educação, Economia, Comunicação Social, Antropologia, Sociologia, entre outras) identifica-se a proliferação de estudos do esporte na interface com o arcabouço das ciências humanas e sociais. É notável o aperfeiçoamento das iniciativas de pesquisa: busca-se discutir com maior profundidade a presença e o papel da prática nos diversos quadros socioculturais.

A quinta e atual fase (a partir da década de 1990), portanto, é marcada por uma maior sistematização e institucionalização dos estudos e pela configuração mais clara da História do Esporte como um campo de investigação.

---

<sup>25</sup> Para mais informações sobre o pensamento de Freyre e Mário Filho acerca do futebol brasileiro, ver os estudos de Soares (1999, 2003).

<sup>26</sup> Para mais informações sobre essas quatro fases, ver estudo de Melo (1997a). Para um olhar sobre a presença do tema nos cursos de formação em Educação Física, ver estudo de Melo (1997b).

Curiosamente, esse movimento de conformação do campo teve início não no âmbito da disciplina História, mas sim na área de Educação Física, tendo como marcos a criação de um grupo dedicado ao tema, na Universidade Estadual de Campinas, e a realização dos Encontros Nacionais de História da Educação Física e do Esporte<sup>27</sup>. Um fato importante, pelo aspecto pioneiro, merece ainda ser lembrado: a realização do I Congresso de Filosofia, História, Sociologia e Educação Física Comparada, em agosto de 1990, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro; provavelmente a primeira experiência especificamente organizada para discutir o assunto no país.

Na área de História, durante mais tempo persistiram as ressalvas ou pouca consideração da importância do tema. Patrícia Falco Genovez (1998) abordou com propriedade tal questão. A autora demonstra como obras importantes, que apontam para a necessidade da construção de uma história social e/ou cultural mais ampla, sequer citam o esporte como objeto de estudo. Mais ainda, constata que até o final da década de 1990, no interior das reuniões científicas importantes na área, como nos eventos promovidos pela Associação Nacional de História (Anpuh), raros foram os trabalhos sobre o assunto. Para Genovez (1998, p.9), não se percebia que:

[...] o esporte como um objeto de estudo capaz de mostrar as mais tênues nuances das relações sociais que, fora da lógica esportiva, parecem excludentes, como a competição e a cooperação ou o conflito e a harmonia. É, justamente, por abrir esta possibilidade de análise que podemos pensar no esporte como um objeto da história social ou da história cultural.

Há que se celebrar a paulatina superação desse distanciamento: cada vez mais a História do Esporte parece menos estranha e tem sido aceita nos fóruns da disciplina História. Isso certamente tem relação com mudanças no campo geral (a História se abre mais para novas possibilidades de investigação), no campo específico (a própria consolidação da História do Esporte, inclusive com a melhora da qualidade das pesquisas realizadas), na própria universidade brasileira (menos preconceituosa com temas relacionados à cultura popular), mas também com a incrível força do fenômeno esportivo no cenário contemporâneo, algo denotado no Brasil, inclusive porque o país mais frequentemente faz parte do circuito internacional de grandes eventos

<sup>27</sup> Com denominações distintas, esse evento segue sendo organizado. A 11ª edição foi realizada no ano de 2009, na Universidade Federal de Viçosa.

esportivos, o que vai culminar com a realização da Copa do Mundo de Futebol de 2014 e com os Jogos Olímpicos de 2016.

Alguns indicadores dessa nova fase da História do Esporte no Brasil devem ser destacados.

a) É notável a abertura de espaços em eventos científicos. Na área de Educação Física, podemos destacar, como exemplo, a organização de um Grupo de Trabalho Temático no âmbito do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (“Memórias da Educação Física e do Esporte”). Na área de História, destaca-se a realização de Simpósios Temáticos específicos nos encontros nacionais e estaduais da Anpuh<sup>28</sup>.

b) Pode-se perceber que artigos sobre o tema são mais facilmente encontrados em revistas científicas. O assunto foi, inclusive, a temática central de três edições da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*<sup>29</sup>, de uma edição de *Estudos Históricos*<sup>30</sup> e de um dossiê da revista *Fronteiras*<sup>31</sup>. Além disso, vale lembrar o já citado lançamento de uma revista específica (*Recorde: Revista de História do Esporte*).

c) O tema está também constantemente presente em periódicos de difusão científica, como, por exemplo, na *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Há que se fazer referência que o futebol já foi a temática central de uma edição da importante *Revista USP* (número 22, 1994).

d) Ainda correlacionado a esse aspecto, não podemos deixar de observar como o assunto está cada vez mais presente nas páginas de periódicos de grande circulação, em programas de televisão, como inspiração para filmes, além de em sites e *blogs* de diferentes naturezas<sup>32</sup>.

---

<sup>28</sup> No Simpósio Nacional de História/Anpuh tem sido continuamente realizado o simpósio temático desde 2003 (João Pessoa). Entre as regionais, pela primeira vez um simpósio temático específico foi realizado no encontro do Rio de Janeiro de 2006 (Niterói). Em 2010, foram realizados em 4 estados: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Paraná.

<sup>29</sup> Volume 25, números 1, 2 e 3; setembro de 2003, janeiro de 2004 e maio de 2004. O periódico é editado pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE).

<sup>30</sup> Número 23, 1999. A revista é editada pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV).

<sup>31</sup> Número 22, 2010. A revista é editada pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados.

<sup>32</sup> O Laboratório Sport tem um *blog* integralmente dedicado ao tema: História(s) do Sport, disponível em <http://historiadoesporte.wordpress.com/>.

e) Identifica-se claramente o crescimento do número de livros publicados. Grande parte desse material tem sido produzido por jornalistas e/ou lançado por ocasião de efemérides ou para homenagear determinado ídolo esportivo, mas percebe-se um maior número de obras decorrentes de investigações acadêmicas. Pode-se destacar a criação de uma coleção específica para o tema (Sport: História, da Editora Apicuri) e o lançamento de livros de referência, que procuram fazer uma abordagem mais transversal, como os organizados por Lucena e Proni (2002) e por Priore e Melo (2009).

f) É claro o aumento do número de grupos de pesquisa cadastrados no diretório do CNPq. Aliás, devemos referenciar a posição da Anpuh, que solicitou ao CNPq a inclusão da especialidade História do Esporte em uma tabela de área de conhecimentos que esteve em discussão nos anos de 2006/2007 (ao final não sendo implementada).

g) Vale destacar que vários projetos ligados ao assunto têm sido agraciados com recursos de agências de fomento, podendo ser destacadas as ações da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), com o Instituto Virtual do Esporte; da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), com um edital de apoio a memória do esporte; da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), com um edital de apoio a centros de memória do esporte; e mesmo do Ministério do Esporte, por meio da Rede Cedes (Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer), cujos editais contemplam a temática. Para 2010, o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) abriu uma linha de financiamento denominada “Mais esporte, mais memória, mais museus”.

h) Percebe-se uma mais constante abordagem do tema em programas de pós-graduação em várias áreas de conhecimento, inclusive na História, na qual em pelo menos dois programas há grupos de pesquisa organizados (PPGHis/UFPR e PPGHC/UFRJ). É crescente o número de teses e dissertações sobre o assunto.

i) Por fim, vale destacar, também se observa o aumento das preocupações com o aperfeiçoamento metodológico das investigações, a partir de um diálogo mais constante com o arcabouço teórico das ciências humanas e sociais.

Enfim, embora estejamos nos momentos iniciais, e ainda tenhamos uma longa trajetória a ser trilhada, há alvissareiros sinais de que caminhamos para a consolidação da História do Esporte no Brasil.

## 2 UM PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO

Partindo do princípio de que as práticas corporais institucionalizadas devem ser encaradas como um objeto como outro qualquer para a História, podemos dizer que a possível contribuição dos estudos históricos tem uma dupla dimensão.

a) Contribuição aos campos específicos relacionados aos objetos investigados (esporte, educação física, dança etc.)

Os interessados na configuração dos campos, ao melhor compreender a trajetória histórica dos fenômenos, podem desvendar algo das suas questões contemporâneas, tanto no que se refere a um melhor entendimento dos papéis sociais que desempenharam os temas investigados, quanto no que se refere, inclusive, a possibilidades mais diretas de aplicação. Por exemplo, como determinadas técnicas podem ser aperfeiçoadas tendo em vista a trajetória do treinamento esportivo? Como um coreógrafo pode pensar suas coreografias considerando o percurso histórico das distintas modalidades, técnicas e propostas de dança? Como uma reforma curricular de educação física deve ter em conta o caminho percorrido por essa disciplina?

b) Contribuição para entender a sociedade como um todo

As práticas corporais institucionalizadas têm sua configuração articulada com as dimensões sociais, culturais, econômicas, políticas de um dado contexto (que deve ser entendido no tempo e no espaço). Fazem parte do patrimônio de um povo, da memória afetiva de indivíduos e grupos, sendo também importantes ferramentas na construção da ideia de nação e na formulação de identidades de classe, gênero, etnia, entre outras. No caso do Brasil, isso fica acentuado pela grande popularidade do futebol. Por essa conformação, são objetos cuja investigação pode contribuir para desvendar, de forma multifacetada, o cenário em que se inserem.

Para exponenciar essas possibilidades de contribuição, o esforço central é investirmos no aprofundamento e aperfeiçoamento de nossas iniciativas de pesquisa. Tendo em vista esse desafio, e o panorama nacional que apresentamos, arriscamos propor um programa de investigação.

## 2.1 A BUSCA DE RIGOR METODOLÓGICO

Douglas Booth (2000, p.5) comenta que:

Poucos acadêmicos consideram a inovação metodológica como uma característica da História do Esporte. Ao contrário, não só a maioria dos historiadores é tímida em temas filosóficos e práticos que envolvem metodologia, como aqueles que discutem seu método o fazem em apêndices ou notas de rodapé.

Como vimos, esse quadro tem mudado no cenário internacional. Já no Brasil, se já há indicadores de avanços no que se refere aos aspectos metodológicos nas investigações históricas do esporte, ainda persiste, mesmo no âmbito acadêmico, a realização de estudos que desconhecem ou não se debruçam mais detidamente sobre essa dimensão. De fato, só recentemente vemos a busca de diversificação das alternativas de pesquisa utilizadas.

A questão é simples e óbvia, mas deve ser lembrada inclusive em função de que é clara a característica multiprofissional do campo de investigação da História do Esporte (na qual atuam “historiadores de formação”, mas também oriundos de outras áreas). O que mais interessa no estudo histórico das práticas corporais é perceber que os objetos expressam/representam de forma multifacetada um conjunto de dimensões de um quadro de tensões sociais no tempo e no espaço.

Assim, qualquer que seja a opção teórica/metodológica adotada, a História do Esporte é sempre história: são os debates da disciplina (bem como das ciências humanas e sociais como um todo) que devem nortear nossa atuação (independentemente da área original de formação).

Nesse sentido, uma história do esporte vai se cruzar com muitas outras histórias<sup>33</sup>: a) seja no que se refere às dimensões – Política, Cultural, Social, Econômica etc.; b) seja no que se refere às abordagens – Oral, Serial, Análise de Discurso, Quantitativa, Micro-História etc.; c) seja no que se refere aos domínios – Corpo, Gênero, Urbana, Arte etc.; d) seja no que se refere aos recortes temporais – Antiga, Medieval, Moderna, Contemporânea, Tempo Presente<sup>34</sup>.

<sup>33</sup> A classificação a seguir dialoga com a sugestão de Barros (2004).

<sup>34</sup> Cabe observar que algumas dessas possibilidades já estão em andamento. Como exemplos, entre tantos outros, vale citar a contribuição de pesquisadoras do Centro de Memória do Esporte da UFRGS para a constituição de uma História das Mulheres no esporte; as ações do Laboratório de História Antiga da UFRJ no que se refere à história do esporte na Grécia antiga; as contribuições do Laboratório Sport/UFRJ no que se refere a uma História Comparada,

Temos ainda defendido que a configuração da História do Esporte dialoga profundamente com a constituição de uma “história do lazer” (ou como temos defendido mais recentemente, com uma “história da diversão”), em função das situações históricas compartilhadas pelos objetos<sup>35</sup>. Como lembra Pierre Bourdieu (1990):

[...] esse espaço dos esportes não é um universo fechado em si mesmo. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e constituídos como sistema. Há boas razões para se tratar as práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam só a ele. Quero simplesmente dizer que não se pode estudar o consumo esportivo, se quisermos chamá-lo assim, independentemente do consumo alimentar ou do consumo de lazer em geral.

## 2.2 TRANSCENDENDO OS ESTUDOS LOCAIS

Uma característica marcante observada na produção nacional recente é que majoritariamente tratam-se de estudos locais ou regionais, relacionados a cidades, clubes, personalidades, fatos ou temas específicos. Obviamente isso se dá por ser uma clara tendência nas investigações históricas como um todo, algo acirrado pelas próprias condições operacionais que se impõem hodiernamente aos pesquisadores, como escassez de tempo (especialmente as pressões a que estão submetidos os programas de mestrado e doutorado) e dificuldade de acesso a arquivos e documentos. De qualquer forma, esse conjunto de pesquisas nos permite vislumbrar um panorama nacional dos diversos arranjos do esporte, da educação física, da ginástica, da dança, da capoeira etc.

Algumas questões merecem ser levantadas: não estaríamos perdendo a visão do global em função da fragmentação das abordagens? Como ampliar nosso olhar acerca da realidade nacional sem cair no equívoco de a considerar como simplesmente o resultado da soma dos entendimentos locais? Como construir hipóteses mais amplas, pensando, por exemplo, em outros contextos nos quais estamos inseridos não somente por questões geográficas, mas também por relações históricas, culturais e políticas?

---

uma História Política e mais recentemente uma História Econômica do Esporte; os aportes de pesquisadores da Unicamp na interface entre a história do corpo e história do esporte.

<sup>35</sup> Para mais informações, ver Melo (2010).

Como fazer dialogar a produção brasileira com o que tem sido produzido internacionalmente?

Tendo em conta essas provocações, temos realizado experiências com o uso do método da História Comparada<sup>36</sup>, inspirados pela sugestão de Kocka (2003, p.41):

Frequentemente, historiadores se concentram na história de seu país ou região. Por causa disso, a comparação pode ter um efeito desprovincializante, liberador, abrindo perspectivas, com consequências para a atmosfera e estilo da profissão. Esta é uma contribuição da comparação que não deveria ser subestimada.

Certamente não desconhecemos que o método da História Comparada pode e tem sido também utilizado para a realização de estudos locais, como nos lembra Barros (2007, p.17): “Comparar macro-realidades ou comparar micro-realidades é legítimo em cada caso: e entre estas operações guardar-se-á o mesmo tipo de distinção que emerge da escolha entre comparar estrelas e comparar átomos”. Apenas levantamos a possibilidade de ampliar o olhar histórico para cenários mais amplos, testar hipóteses explicativas, aproveitar o potencial heurístico que pode oferecer a comparação.

Para resumir, o que nos coloca Barros (2007, p.3) parece bastante estimulante:

Ao impor àqueles que a praticam um novo modo de pensar a história a partir da construção de seu recorte, e um modo bastante específico de trabalhar sobre as fontes e realidades históricas assim observadas - a História Comparada revela-se oportunidade singular para que se repense a própria história em seus desafios e em seus limites.

### 2.3 OS RECORTES ESPACIAIS

Os estudos comparados apresentam diversas potencialidades a serem consideradas. Uma delas está ligada à possibilidade de considerar novos recortes espaciais. Vejamos algumas alternativas.

a) Comparação de modalidades distintas em um mesmo cenário local

O tempo/momento de estruturação e desenvolvimento de cada modalidade ajuda-nos a compreender de forma multifacetada não só a

<sup>36</sup> Para mais informações, ver Melo (2007b).

configuração do campo esportivo no local, como também a lançar um olhar sobre os diferentes contextos históricos. Por exemplo, que diferenças há entre a consolidação do turfe e do remo no Rio de Janeiro? Como isso nos ajuda a pensar nos cenários que determinaram essas formações diferenciadas?

b) Comparação de diferentes cidades de um mesmo país

No caso brasileiro, já temos um conjunto de estudos sobre algumas cidades, notadamente capitais (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre). Não temos, contudo: a) o mesmo número de investigações sobre outras localidades, especialmente as de menor porte; b) praticamente não temos estudos comparados.

Essa possibilidade de investigação poderia nos apresentar um panorama ampliado e mais aprofundado sobre o desenvolvimento do fenômeno esportivo pelo país, nos ajudando a testar hipóteses de trabalho. Obviamente que devemos ter o cuidado de pensar em possíveis parâmetros de comparação, operando adequadamente o método.

c) Comparação de diferentes países e/ou cidades de distintos países

Em função da proximidade geográfica e algumas similaridades históricas, que semelhanças e dessemelhanças há, por exemplo, na configuração do campo esportivo dos países da América do Sul? Teria essa perspectiva de investigação alguma contribuição a dar ao estudo de nosso continente?

Esse tipo de iniciativa parece urgente e fundamental, inclusive porque a estruturação da História do Esporte na América latina é menor do que no continente europeu e nos Estados Unidos. Observe-se que não estamos falando de qualidade das investigações, no que estamos *pari passu* com a produção mundial, mas sim da conformação do campo de investigação.

Renato Ortiz (2001) lembra que grande parte das interpretações sobre nosso continente é traçada por latino-americanistas profissionais, que trabalham fora da América Latina, notadamente em universidades norte-americanas. Adrián Gorelick (2004), nessa esteira, conclama a buscar novas maneiras de escrever a história latino-americana, deixando de insistir somente na reflexão sobre a influência europeia e norte-americana, ampliando as compreensões acerca dos contatos entre nossos países, extrapolando as iniciativas exclusivamente nacionais de investigação.

Segundo sua sugestão, necessitaríamos buscar “objetos supra ou trans-nacionais. Quer dizer, a delimitação de problemas ou de áreas de historicidade

cujo passado não é necessariamente nacional ou não se esgota exclusivamente no nacional” (p.124). Parece-nos que o esporte se adequa perfeitamente a tais parâmetros.

Um maior desenvolvimento dos estudos históricos do esporte em nosso continente certamente não interessa somente a nós latino-americanos, mas também a todos os pesquisadores mundiais da temática, que hoje pouco parecem compreender dos nossos arranjos específicos. Nesse sentido, concordamos com as palavras de Arbena (1999, p.27):

Eu reenfatizo meu argumento de que a construção de uma teoria válida requer uma perspectiva universal. Não podemos seriamente falar sobre o espaço do esporte no comportamento humano ou da conexão entre esporte e imperialismo cultural ou do espaço do esporte na globalização recente, etc., sem olhar como isso, e outros padrões, tem ocorrido em diferentes contextos geográficos, temporais e culturais.

O próprio Arbena admite, contudo, que não se observam esforços significativos de relacionamento mútuo e de busca de um maior diálogo com os latino-americanos, o que certamente tem algum grau de relação com a existência de dificuldades linguísticas, já que o inglês é o idioma mais amplamente aceito no mundo acadêmico internacional, e com prováveis posturas etnocêntricas, expressas na maior valorização de certas referências e mesmo das formas de narrativa e de argumentação comumente observadas na língua inglesa, substancialmente diferentes da nossa forma latino-americana de escrever.

Portanto, os esforços de diálogo e de organização dos pesquisadores latino-americanos na área de história das práticas corporais institucionalizadas devem ter intencionalidades claras: o maior conhecimento mútuo poderá permitir caminharmos mais próximos, nos compreendermos de forma mais profunda, não só para que melhor possamos entender nossas sociedades, mas inclusive para que possamos contrapor os limites dos atuais modelos acadêmicos internacionais, exponenciando as alternativas para apresentarmos as peculiaridades que tornam nossas investigações insubstituíveis se existe o desejo de uma compreensão mais global acerca de nossos objetos.

d) Comparação de países que compartilham dimensões culturais, como o idioma

Ainda que estivesse próximo do centro dos acontecimentos europeus que marcaram a transição dos séculos XIX e XX, tanto do ponto de vista geográfico quanto do ponto de vista das relações historicamente estabelecidas

(especialmente com a Inglaterra), a posição de Portugal era, e tem sido, nas palavras de Boaventura Souza Santos (1985), semiperiférica. Além disso, já no século XIX, o país tinha que dividir espaço simbólico com uma de suas antigas colônias, o Brasil, compartilhando o papel de emissor privilegiado das marcas do que hoje chamamos imprecisamente de lusofonia (ALMEIDA, 2008).

Em certa medida, essas experiências não marcam exclusivamente esses países, mas também algo da trajetória das hoje nações lusófonas, na ocasião colônias de Portugal. Parece interessante insistir na prospecção de elementos que possam contribuir para traçar análises comparadas entre os países de língua oficial portuguesa, a compreensão sobre as nossas semelhanças e dessemelhanças, ampliando nosso entendimento tanto sobre nossas histórias nacionais quanto sobre a cultura lusófona no mundo. Podemos contribuir com esses esforços a partir do caso específico do esporte.

Vale lembrar que temos poucos estudos sobre o esporte nos países africanos de língua oficial portuguesa, que estabeleceram relações materiais e simbólicas constantes com o Brasil. As investigações sobre as práticas esportivas podem também ajudar a desvendar essa história em comum.

## 2.4 O USO DE FONTES

No cenário nacional, temos usado como fontes, majoritariamente, documentos e periódicos. Há ainda um grande desafio: a dificuldade de acessar material diferenciado em função da pouca organização de nossos arquivos, tanto das hemerotecas quanto das próprias entidades esportivas.

No âmbito de nosso grupo de investigação<sup>37</sup>, temos desenvolvido iniciativas que procuram contribuir para minimizar tais problemas. Um deles é o projeto “Memória do Esporte na Imprensa”, cujo intuito é levantar, em periódicos do século XIX e década inicial do século XX, notícias sobre a prática esportiva, disponibilizando-as em um banco de dados acessível pela internet.

Em sentido semelhante, estamos levantando os documentos sobre esporte disponíveis no acervo do Arquivo Nacional. Da mesma forma, desenvolvemos um projeto para preservar, disponibilizar e divulgar o acervo de alguns clubes. Já conseguimos avanços no que se refere ao Clube Ginástico Português<sup>38</sup>, mas essas iniciativas estão, no momento, inativas por falta de recursos.

---

<sup>37</sup> Para mais informações, ver [www.sport.ifcs.ufrj.br](http://www.sport.ifcs.ufrj.br).

<sup>38</sup> Para mais informações, ver <http://www.lazer.cefd.ufrj.br/ginastico/>.

Outro desafio que deve ser assumido pelos pesquisadores é o uso de fontes de diferentes naturezas, buscando ampliar os olhares sobre o esporte: filmes, fotografias, obras de artes plásticas, memórias, obras literárias, peças dramatúrgicas (teatro e dança), material publicitário, músicas, blogues. No âmbito de nosso grupo, também temos feito alguns esforços de catalogação desse material no âmbito do projeto “Esporte e Arte: diálogos”<sup>39</sup>.

Valeria ainda a pena pensar em um uso mais frequente de fontes orais na realização de nossas investigações. Na verdade, seria bem interessante a construção de um banco de entrevistas, nas quais seriam depositados os depoimentos de personagens-chave do esporte nacional.

Para concluir, devemos chamar a atenção para o óbvio: os desafios são os mesmos do que para qualquer pesquisa histórica - compreender que cada uma dessas fontes requisita do pesquisador um posicionamento específico e adequado.

## 2.5 AMPLIAÇÃO DOS TEMAS INVESTIGADOS

No senso comum é corrente a afirmação de que o Brasil é o país do futebol. Independentemente dos exageros, é inegável o grau de popularidade desse esporte por todo o mundo. Nesse sentido, consideramos compreensível que essa seja a prática que mais tem merecido atenção dos pesquisadores: houve tempo em que falar em história do esporte no Brasil praticamente significava falar de história do futebol.

O quadro está mudando alvissareiramente, mas permanecem numerosos os temas, modalidades esportivas e práticas corporais que requerem maior atenção e investimento dos historiadores brasileiros. Aliás, mesmo no que se refere ao futebol, poderíamos diversificar as investigações. Um exemplo é o caso dos clubes pequenos, ainda pouco estudados.

Outra dimensão que merece ser destacada é o grande número de estudos relacionados à relação entre esporte e identidade nacional. Gênero, classe social, questões raciais/étnicas, localismos, entre outros, são enfoques sobre os quais o historiador também pode e deve se debruçar quando trata das práticas corporais.

---

<sup>39</sup> Para mais informações, ver <http://www.anima.eefd.ufgj.br/esportearte/home.asp>.

## CONCLUSÃO

Devemos lembrar que as práticas corporais institucionalizadas são transtemporais: é raro, no decorrer da história, encontrar um período ou um grupo social que não tenha registrado alguma forma de manifestação dessa natureza.

Da mesma forma, devemos considerar que estamos lidando com práticas influentes e presentes em vários países. O esporte, por exemplo, destaca-se por sua notável transnacionalidade, notadamente a abrangência de seus eventos mais conhecidos, os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol, e de duas de suas entidades organizativas, a Federação Internacional de Futebol (FIFA) e o Comitê Olímpico Internacional (COI), ambas com mais membros que a Organização das Nações Unidas (ONU).

Por essas características, a investigação de tais práticas pode mesmo contribuir para tensionar os próprios limites da disciplina História, inclusive por induzir os pesquisadores à busca de diálogos multidisciplinares. Vale lembrar, estamos lidando com objetos que já recebem atenção de muitas áreas de conhecimento: algumas que podem ser consideradas mais óbvias (como Anatomia, Economia, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Economia e Comunicação Social), outras mais curiosas (Oftalmologia do Esporte, Enfermagem do Esporte, Odontologia Esportiva, Engenharia Naval). Isso tem relação com um meio universitário crescentemente especializado, mas também com a popularidade do fenômeno esportivo.

Tendo em vista esse quadro, sem significar que a História do Esporte deva deixar de existir enquanto “subdisciplina”, deveríamos ter em conta sua contribuição para a constituição de um campo de investigação, denominado “Estudos do Esporte”, que contemplaria o estudo das práticas corporais institucionalizadas a partir de uma perspectiva multidisciplinar. No nosso ponto de vista, nesse projeto devemos nos aproximar da perspectiva dos Estudos Culturais, algo distinto do que ocorre no cenário internacional, onde os *Sports Studies* parecem se constituir a partir de uma predominância da Sociologia<sup>40</sup>.

Enfim, nas últimas décadas a História do Esporte entrou em campo: de ilustre desconhecida, paulatinamente foi ocupando espaços e desempenhando papéis mais protagonistas. O jogo está ganho? Certamente que não, ainda que notável tenham sido os avanços. Cabe-nos continuar investindo na qualidade de nossas investigações e na conformação do campo, inclusive ampliando o debate para outros setores nacionais e internacionais, atraindo

---

<sup>40</sup> Como exemplo, ver a obra organizada por Coakley e Dunning (2000).

maior número de interessados, extrapolando fóruns específicos, evitando a formação de guetos auto-referentes.

No início da década de 1960, Edward Carr (1982), em livro que se tornou referência, lançou uma provocação, quase um grito de guerra, certamente uma convocação, que teve grande impacto entre os historiadores: “quanto mais sociológica a história se torna, e quanto mais histórica a sociologia se torna, tanto melhor para ambas”. Para concluir, brincando com Carr, parece ser possível afirmar que: “Quanto mais a História olhar para o esporte, e quanto mais o esporte considerar a História, tanto melhor para os dois”.

*Artigo recebido em 27 de julho de 2010.*

*Aprovado em 3 de setembro de 2010.*

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Onésimo. *Propósito da lusofonia (à falta de outro termo): o que a língua não é*. 2008. Disponível em: <<http://www2.iict.pt/?idc=102&idi=13158>>. Acesso em: 1º mar. 2009.

ARBENA, Joseph L. History of Latin American sports: the end before the beginning? *Sporting Traditions*, v.16, n.1, p.23-28, nov.1999.

BARROS, José d’Assunção. *O campo da história*. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. História Comparada: um novo modo de ver e fazer a história. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.1-30, jun.2007.

BONORINO, Laurentino Lopes *et alii*. *Histórico da Educação Física*. Vitória: Imprensa Oficial, 1931.

BOOTH, Douglas. From allusion to causal explanation: the comparative method in sports history. *International Sports Studies*, v.22, n.2, p.5-20, 2000.

\_\_\_\_\_. *The Field: truth and fiction in sport history*. New York: Routledge, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p.136-163.

\_\_\_\_\_. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.207-220.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARR, Edward. *O que é História?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988.

COAKLEY, Jay; DUNNING, Eric. *Handbook of Sports Studies*. Los Angeles: Sage, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003. p.5-8.

GENOVEZ, Patrícia Falco. O desafio de Clio: o esporte como objeto de estudo da História. *Lecturas: Educacion Física Y Deportes*, Buenos Aires, ano 2, n.9, 1998. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd9/clio2p.htm>>. Acesso em: 17 out. 2009.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *Educação Física progressista*. São Paulo: Loyola, 1988.

GIULIANOTTI, Richard (Org.). *Sport and modern social theorists*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

GIULIANOTTI, Richard. *Sport: a critical sociology*. Cambridge: Polity, 2005.

GORELIK, Adrian. El comparatismo como problema: una introducción. *Prismas: revista de história intelectual*, Quilmes, n.8, p.121-128, 2004.

HILL, Jeffrey. British Sports History: a post modern future? *Journal of Sport History*, v.23, n.1, 1996.

KOCKA, Jurgen. Comparison and beyond. *History and Theory*, Londres, n.42, p.39-44, fev.2003.

LUCENA, Ricardo; PRONI, Marcelo (Orgs.). *Esporte: história e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002.

MELO, Victor Andrade de. História da história da Educação Física e do esporte no Brasil: panorama, perspectivas e propostas. *Revista Eletrônica de História do Brasil*, Juiz de Fora, v.1, n.1, 1997a. Disponível em: <<http://www.boletimef.org/biblioteca/574/Historia-da-educacao-fisica-e-do-esporte-no-Brasil>>. Acesso em: 17 out. 2009.

MELO, Victor Andrade de. Porque devemos estudar História da Educação Física e do Esporte? *Motriz*, Rio Claro, v.3, n.1, 1997b.

\_\_\_\_\_. Inezil Penna Marinho: notas biográficas. In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). *Pesquisa histórica na Educação Física*. Aracruz: Ed. Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1998. v. 3.

\_\_\_\_\_. De Olímpia (776 a.C.) a Atenas (1896) a Atenas (2006): problematizando a presença da antiguidade clássica nos discursos contemporâneos sobre o esporte. *Phoenix*, n.13, p.350-376, 2007a.

\_\_\_\_\_. Por uma história comparada do esporte: possibilidades, potencialidades e limites. In: MELO, Victor Andrade de (Org.). *História comparada do esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007b. p.13-32.

- \_\_\_\_\_. *Esporte e lazer: conceitos – uma introdução histórica*. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2010.
- MENDONÇA, Alberto B. *História do sport náutico no Brasil*. Rio de Janeiro: Federação Brasileira de Sociedades de Remo, 1909.
- ORTIZ, Renato. Estúdios culturales, fronteras y transpasos. *Punto de Vista*, n.71, dez.2001.
- PACHECO, Eduardo. *Crônicas do turf fluminense*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1893.
- PARK, Roberta J. Sport history in the 1990s: prospects and problems. In: SAFRIT, Margaret J.; ECKERT, Helen M. *The cutting edge in Physical Education and exercise science research*. Champaign: Human Kinetics, 1992.
- PHILLIPS, Murray (Org.). *Deconstructing sport history*. Nova York: State University of New York Press, 2006.
- PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de (Org.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- RADER, B.G. Modern sports: in search of interpretation. *Journal of Social History*, 13, 1979.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Estado e sociedade na semiperiferia do sistema mundial: o caso português. *Análise Social*, v.XXI, n.87, 88 e 89, 1985.
- SOARES, Antonio Jorge. História e a invenção de tradições no campo do futebol. *Estudos Históricos*, v.13, n.23, p.119-146, 1999.
- \_\_\_\_\_. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en America Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003. p.145-162.
- WIGGINS, David; MASON, Daniel. The socio-historical process in sport studies. In: ANDREWS, David; MASON, Daniel; SILK, Michael (Orgs.). *Qualitative methods in sports studies*. Nova York: Berg, 2005. p.39-64.